

5/7/74
Vilas Boas elogia decisão da Funai de transferir os kreen-akarores ao Xingu

São Paulo (Sucursal) — O diretor do Parque Nacional do Xingu, sertanista Orlando Vilas Boas, disse que a atitude do presidente da Funai, General Ismar de Araújo, de manter a decisão de transferir os kreen-akarores para a área do Parque "mostra mais uma vez sua preocupação de preservar o índio e conduzir sensatamente a política indigenista".

Os trabalhos de preparação das roças e malocas no Parque do Xingu, interrompidos com a notícia de que os kreen-akarores não deixariam as margens da estrada Cuiabá—Santarém, recomeçaram e a transferência depende agora de novos contatos entre a Funai e a chefia do Posto Diauarum.

PRESERVAÇÃO

Os kreen-akarores se encontram no vale do rio Peixoto de Azevedo, nas proximidades da Cuiabá—Santarém, desde que foram atraídos pela expedição do sertanista Cláudio Vilas Boas, há dois anos. A tribo — um dos remanescentes mais puros da cultura Gé — tão logo atraída, recebeu os primeiros impactos negativos do contato com a civilização branca.

Foram inclusive levados à prática do homossexualismo por um sertanista da Funai, já demitido, e posteriormente denunciou-se a promiscuidade entre eles e frentes pioneiras na estrada — trabalhadores, caçadores, seringueiros e caboclos.

Alguns sertanistas propuseram então a transferência dos índios para o Parque do Xingu, onde vivem 15 nações indígenas, com suas culturas e costumes preservados. O etnólogo italiano Fiorenzo Parise, que visitou os kreen-akarores, discordou da transferência, e realizou um plebiscito entre os índios, apurando que eles gostariam de permanecer onde estão, mesmo que isso significasse uma distância de apenas 25 quilômetros da Cuiabá—Santarém.

Antropólogos e indigenistas logo protestaram contra a ideia e o método de Fiorenzo Parise, lembrando que o índio não pode responder, após o contato com o branco, por seu destino.

Acusado por massacre de índios vai a júri

Cuiabá (Correspondente) — O baiano Ramiro Costa, 63 anos, único sobrevivente dos acusados de participação no massacre dos cintas-largas, ocorrido há 11 anos, vai ser finalmente submetido a julgamento, ainda este mês. O juiz da 1ª Vara Criminal já determinou a inclusão de seu nome na pauta da próxima sessão do Tribunal do Júri.

Preso em fevereiro de 1971, Ramiro foi internado como louco, por solicitação de seu advogado. Esta semana, contudo, depois de uma série de testes e exames, psicólogos e psiquiatras do Hospital Adauto Botelho revelaram que "o paciente está no pleno gozo de suas faculdades mentais."

BARBARIE

Por sua violência e crueldade, o massacre dos cintas-largas passou à história policial de Mato Grosso como um dos maiores atentados à civilização indígena nos tempos modernos, de grande repercussão até no exterior.

Ramiro conta que em 1963, em companhia do boli-

viano Izolino de Ataíde, Manuel Virgílio, Chico Luís e Silvestre, sob o comando de Francisco Amorim Brito, partiu para o Município de Aripuanã, numa expedição organizada pela firma Arruda Junqueira, Cia. Ltda., à procura de minérios, com ordens de matar os índios que encontrasse pela frente.

Descendo o rio Juruena, o grupo acampou num lugar chamado Juína. De manhã recebeu, por avião, armas e mantimentos enviados de Cuiabá pela firma e sem muito esforço chegou à aldeia dos cintas-largas. "O massacre, então, foi inevitável", diz Ramiro.

Uma índia de pouco mais de 20 anos foi morta de cabeça para baixo e depois retalhada a faca e nem as crianças foram poupadas. Os corpos foram lançados ao rio Juruena.

Em 1971, depois de beber o suficiente para soltar a língua, Ramiro contou tudo à Funai, "para se vingar do Junqueira, que não queria pagar Cr\$ 3 600,00" de uma antiga dívida. Preso, iniciaram-se os depoimentos; Ramiro foi ouvido pela Funai, Polícia Federal, autoridades militares e policiais.